

# Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

14 Mai 2016  
18:00 Sala Suggia

**Pedro Neves** *direcção musical*



1ª PARTE

## **Sergei Rachmaninoff**

Sinfonia de Juventude, em Ré menor (1891; c.13min.)

## **Sergei Prokofieff**

Sinfonia n.º1 em Ré maior, "Clássica" (1917; c.14min.)

1. *Allegro*
2. *Larghetto*
3. *Gavota*
4. *Finale*



2ª PARTE

## **Alfred Schnittke**

Sinfonia n.º1 (1969-74; c.60min.)

1. *Senza tempo. Moderato*
2. *Allegretto*
3. *Lento*
4. *Lento. Allegro*

Tributo Alfred Schnittke IV

Integral das Sinfonias de Prokofieff

Cibermúsica; 17:15

Palestra pré-concerto por **Fernando C. Lapa**



casa da música



Maestro Pedro Neves  
sobre o programa do concerto.

<https://vimeo.com/166076723>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco  
RESONANCE  
OF EUROPE

REMA  
RESONANCE  
OF EUROPE

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN  
CONCERT HALL  
ORGANISATION

TENSO

## Primeiras Sinfonias

As obras do presente programa foram as primeiras experiências de três distintos compositores neste género musical. Realizadas em diferentes épocas e contextos, são também radicalmente diferentes nos propósitos, nos processos e no significado artístico. Poderemos resumir: a Sinfonia de Rachmaninoff é uma obra de aprendizagem da sinfonia e da escrita orquestral; a Sinfonia “clássica” de Prokofieff é uma primeira experiência nos domínios do neoclassicismo e da escrita para orquestra; e a Sinfonia de Schnittke mostra-nos o nascimento de uma nova técnica, numa construção eminentemente pós-moderna, que o compositor designou precisamente por poliestética.

Também há poesia e lirismo em tudo isto, por mais inesperado e desconcertante que nos pareça. Mas nestas obras cruzam-se ainda diversos outros ambientes da mais fina ironia, de humor, de aspereza ou de acidez. Se ouvirmos com mais atenção, parece que a música de um dos maiores compositores russos do séc. XX, Chostakovitch, se insinua por detrás de vários momentos das obras destes compositores. Não essencialmente pela linguagem musical – cada um deles saboreando e cultivando os “frutos do tempo” – mas sobretudo pela forma como lidam com esses ditos cruzamentos da expressividade quase romântica com a crueza e o cinismo de uma escrita frequentemente mordaz, ácida e corrosiva.

O programa – com Prokofieff e Schnittke – documenta também o nascimento de duas correntes que cruzam a música do século XX: o neoclassicismo e o pós-modernismo. Desde os inícios do séc. XX assistimos ao progressivo desenvolvimento de uma linguagem neoclássica, marcando de forma impressiva a obra

de diversos compositores. Bartók ou Britten são exemplos paradigmáticos. Esta estética, assente numa reciclagem de formas, técnicas ou linguagens do passado, é operada num novo contexto de abertura e modernidade (novos ambientes harmónicos, outras organizações sonoras, novas elaborações rítmicas, outros jogos orquestrais). O neoclassicismo é apenas uma outra via e uma outra resposta, na busca de uma nova identidade e de uma nova música. Nem sempre nos lembramos disso, mas J. S. Bach fizera o mesmo a partir da elaboração polifónica da música renascentista. Muitas vezes a mais radical modernidade (seja lá isso o que for) coexiste com a reutilização de dados da música do passado. Veja-se a superlativa criação de Bartók, a *Música para cordas percussão e celesta*, e a forma como relê as velhas estruturas da fuga ou da forma-sonata, por exemplo. E no entanto, quantas obras se lhe poderão comparar em todo o último século de música?

A pureza estilística absoluta é algo impossível de encontrar: as técnicas, os processos, as linguagens cruzam-se, contrapõem-se, misturam-se, muitas vezes, em resultados sempre novos e imprevisíveis. A evolução da arte sempre foi um processo dinâmico, onde o novo pressupõe a tradição (nem que seja apenas para a contradizer ou subverter). Neste sentido nunca poderemos falar verdadeiramente de revolução. Pode custar-nos admiti-lo, mas a margem de originalidade e de criação radical em cada obra é sempre muito reduzida. Provavelmente isso acontece porque nenhum de nós foi capaz, até agora, de criar o mundo em seis dias...

## Sergei Rachmaninoff

ONEG (RÚSSIA), 1 DE ABRIL DE 1873

BEVERLY HILLS (EUA), 28 DE MARÇO DE 1943

### Sinfonia de Juventude, em Ré menor

Rachmaninoff é uma das grandes figuras da música russa do seu tempo. A sua obra e a sua carreira são do conhecimento do grande público e algumas das suas obras contam-se entre as mais populares nas salas de concerto. O seu prestígio e popularidade como compositor e como pianista deveriam garantir-lhe o lugar à parte a que alguns artistas têm direito. Mas não foi sempre assim. Rachmaninoff, compositor, foi frequentemente mal julgado e maltratado pela crítica. Sobre ele pairou sempre a acusação de escrever uma música de expressão romântica, ou seja, do passado, em tempo de mudanças e revoluções.

Mas voltemos ao princípio. Esta Sinfonia de Juventude, em Ré menor, não é em rigor uma sinfonia, mas apenas o primeiro andamento de uma obra que poderia vir a sê-lo, porque de facto nunca passou deste seu andamento inicial. Foi composta aos 18 anos, em 1891 (no mesmo ano em que nasceu Prokofieff). Como experiência de juventude, anterior às suas grandes obras sinfónicas (as suas 3 sinfonias ou os concertos para piano n.º 2 ou n.º 3), esta é uma obra à procura de identidade e de equilíbrio. Tal como no seu primeiro concerto para piano e orquestra, também composto nesse mesmo ano, a escrita sinfónica ainda não tem aqui a mesma densidade e alcance ou a largueza da paleta expressiva que encontramos nas suas obras maiores.

A Sinfonia de Juventude, em Ré menor, apenas foi editada em 1947, em Moscovo, quatro anos após a sua morte. A estrutura

deste andamento, que dura um pouco mais de 10 minutos, é a de uma tradicional forma-sonata. As diversas secções em que se articula são muito claras, compreendendo: uma introdução lenta, após a qual se sucede a tradicional exposição onde são apresentados os temas; um desenvolvimento “clássico”, construído a partir de alguns traços mais salientes dos temas apresentados, com alguma intensificação de movimentos modulantes e de maior colorido harmónico; e uma reexposição, em traços largos repetindo a secção inicial.

Curiosamente a sua Sinfonia n.º 1, op. 13, em Ré menor (essa sim, completa, com 4 andamentos) também foi escrita na mesma tonalidade. Composta em 1895, foi estreada em 1897 em São Petersburgo, mas a sua estreia foi um rotundo fracasso, o que deixou Rachmaninoff muito deprimido e desanimado, tendo deixado de compor durante alguns anos. Mas as razões por que essa sua primeira sinfonia, op. 13, foi tão mal recebida, porque muito mal interpretada (de acordo com relatos da época), assentam também numa contradição: Rachmaninoff criou grande parte do seu prestígio junto do público pela sua excepcional qualidade de virtuoso do piano e por uma escrita de matriz romântica na esteira de Liszt ou de Tchaikovski. Mas essa sinfonia – por vezes hesitante e imprecisa, com mudanças de direcção inesperadas, com soluções de colorido instrumental e orquestral muito menos convencionais, com um sentido dramático muito forte (por todo o lado circula o célebre “Dies Irae”) – essa sinfonia não é de compreensão linear. Traz dentro de si projectos de experimentação e de mudança. Ou seja, este não parece ser o Rachmaninoff de que o público gosta. Mistérios...

## Sergei Prokofieff

KRASNE, DONETSK (UCRÂNIA), 23 DE ABRIL DE 1891  
MOSCOVO (RÚSSIA), 5 DE MARÇO DE 1953

### Sinfonia n.º 1, em Ré maior, “Clássica”

Prokofieff é um dos expoentes da música russa e um dos grandes sinfonistas do seu tempo, tendo composto sete sinfonias, cada uma com a sua história peculiar. A sua mais genial criação nestes domínios é a 5ª Sinfonia op. 100, em Si bemol menor, composta em 1944, em pleno tempo de guerra, como hino à vida e à liberdade. Bem diversa e curiosa contudo é a sua primeira sinfonia, composta em 1916-17, pouco tempo antes da Revolução Russa de Outubro de 1917 e pelo próprio Prokofieff intitulada de "sinfonia clássica".

Na fase inicial da sua carreira musical, até à Revolução de Outubro de 1917, Prokofieff viveu, estudou e trabalhou na Rússia, em São Petersburgo. Aí granjeou fama de excêntrico e rebelde, sobretudo no meio musical, compondo música ousada e provocante para o gosto da época. Tanto divertia e surpreendia os colegas do conservatório como irritava e confundia os seus professores. Nestes precisos termos, compor uma sinfonia clássica, recuperando e reelaborando os dados da sinfonia do séc. XVIII, foi uma não menor ousadia, recebida com a mesma surpresa de sempre. Ou seja, quando se poderia adivinhar uma nova “jogada” politicamente incorrecta, num passo à frente ou ao lado, Prokofieff surpreende tudo e todos com uma revisitação do passado. Mais ao gosto de Haydn do que de Mozart, diga-se, num clima de grande jovialidade.

A sinfonia compreende os habituais 4 andamentos, seguindo de perto o modelo que o séc. XVIII consagrou. Assim, o primeiro andamento

*Allegro* tem a normal construção da forma-sonata; o segundo, *Larghetto*, é na verdade um minueto delicado e sereno; o terceiro andamento é uma breve *Gavotte*, que inclui na sua parte central uma melodia tradicional russa; e o último andamento, *Finale*, é uma espécie de rondó que inclui elementos temáticos do primeiro andamento, fechando a sinfonia com uma torrente de jovialidade, entusiasmo e claridade, em grande parte criados pela agilidade da escrita e pelo brilho da orquestração. A comunicação é imediata e total.

A despeito da clareza e equilíbrio da escrita, encontramos em muitos momentos desta obra diversas soluções tonais mais abertas, jogando muitas vezes com movimentos imprevistos e com desfechos de frases verdadeiramente inesperados. Estes jeitos e trejeitos de cariz irónico e grotesco, por vezes mesmo desconcertantes e mordazes, são habituais na escrita de Prokofieff, e colocam-no, neste preciso ponto, num patamar muito próximo do de Stravinski ou de Chostakovitch.

Este retorno aos clássicos que tantos outros compositores motivará (veja-se os casos de Stravinski ou Carl Orff, por exemplo), relendo e reciclando alguns dados das músicas do passado, à luz de uma escrita mais moderna, está na origem do neoclassicismo que esta sinfonia de alguma forma inaugura, de forma ostensiva e festiva.

## Alfred Schnittke

ENGELS, 24 DE NOVEMBRO DE 1934

HAMBURGO, 3 DE AGOSTO DE 1998

### Sinfonia n.º 1

Herdeiro da tradição de Chostakovitch, de quem foi aluno, Schnittke revela alguns traços do sentido de humor, da ironia e da acidez da música do seu mestre (que Prokofieff em certa medida partilha também). Schnittke foi um compositor prolífico: 9 sinfonias, variadíssimos concertos, ópera, ballet, vários concertos grossos, quartetos de cordas, muitíssima música de câmara, música para teatro e muita música para cinema.

Esta primeira sinfonia constitui um marco na produção exuberante de Schnittke. Composta entre os anos 1969 e 1974, é uma gigantesca colagem, onde cabe quase tudo o que imaginar se possa, seja obra, compositor, estilo, linguagem, época, corrente estética, técnica, acorde, motivo, melodia, ritmo, textura e tudo o mais. Um tal caleidoscópio de referências e tantas citações de tão larguíssimas proveniências é tecido por Schnittke com maestria e saber, construindo paisagens sonoras de grande capacidade de comunicação, gerindo de forma muito hábil as inúmeras partes de que é feita uma obra e o desenho geral de toda a arquitectura. Esta peculiar forma de compor – que se situa num plano muito distinto do neoclassicismo – foi baptizada pelo próprio Schnittke como poliestilismo. A partir daí encontramos esta nova técnica numa parte substancial da sua obra.

A sinfonia compreende 4 grandes partes ou andamentos. O primeiro e o último são os mais extensos. O primeiro abre com uma malha de sons continuados e abertos, como um

verdadeiro festival de carrilhões, à qual se vai juntando progressivamente toda a orquestra, num ambiente sonoro cada vez mais saturado, algures entre o caos e a festa. Vão-se ouvindo aplausos. Com eles termina esta primeira apresentação da orquestra. Sucede-se a partir daí uma gigantesca colagem de um sem-número de fragmentos breves de obras muito distintas. Reconhecemos música de Beethoven (da 5ª Sinfonia), de Schoenberg (Variações para Orquestra), de Ligeti, Chostakovitch, excertos de música barroca, de marchas militares, de música serial, de melodias populares, música de jazz, valsas, música de circo. E muito mais do que aquilo que se poderia catalogar.

O segundo andamento está construído de forma bastante diferente. Começa com um puro concerto barroco, no melhor estilo. Uma figuração discreta, num outro tempo, vai-se insinuando, enquanto novas vozes discordantes, sobretudo nos metais, vão fazendo alterar o ambiente e o carácter. Tudo mudou. Sucedem-se fragmentos de escrita atonal (de Webern a Berio), percussões, música barroca, uma guitarra eléctrica, fragmentos de música popular. Os contrastes são constantes e totais. Mas ainda haverá lugar para uma malha de piano à Keith Jarrett, um violino irlandês, ou um longo improvisado a dois. O andamento termina numa completa desordem e anarquia, com a orquestra em massas sonoras densas e cerradas e algumas vozes gritantes e “esganiçadas” tentando falar por cima de tudo.

O terceiro andamento é mais calmo, construído sobre *glissandi* das cordas numa escrita mais serena e polifónica, introduzida por figurações mágicas de celesta. Mas há sempre lugar para o inesperado: um solo de guitarra eléctrica, um cravo... As malhas polifónicas das cordas vão-se adensando em movimentos para o agudo, desembocando pouco

depois num tremendo clímax construído sobre um acorde redondo e claro no agudo e logo depois em um novo e grande acorde conso-nante. Sobre a sua sombra é construído um final belíssimo, sereno e expressivo.

O quarto andamento tem um carácter bastante semelhante ao do primeiro. Principia com os trombones e restantes metais numa polifonia estranha que vai sendo alargada às cordas e a toda a orquestra. Inesperadamente surge por detrás de toda esta “algazarra” o concerto para piano de Tchaikovski. Depois quem manda é a percussão. Há escritas que lembram Ligeti ou o *O King* de Berio. E um trom-pete que parodia a melodia gregoriana do *Dies irae*. Mas ainda haverá jazz ou uma marcha. E muitos fragmentos tirados do Chostakovitch mais berrante e agreste. Uma singela melodia popular tocada por um violino recupera breves momentos de serenidade e simplicidade. Antes do final voltamos a ouvir os carrilhões do início do primeiro andamento, fechando simbolicamente algo que verdadeiramente não pode terminar. Uma sobreposição quase caótica de figurações desordenadas alas-trando a toda a orquestra, semelhante ao que ouvimos no início do primeiro andamento, conduz a música, inesperadamente, como que surgido do nada, a um som único, um Dó, em unísono. E termina a aventura.

FERNANDO C. LAPA, 2016

## **Pedro Neves** *direcção musical*

Pedro Neves é Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho e assumiu recentemente o cargo de Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. É doutorando na Universidade de Évora, tendo como objecto de estudo as seis sinfonias de Joly Braga Santos.

Foi maestro titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e é convidado regularmente para dirigir a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Filarmónia das Beiras, Orquestra da Cidade de Joensuu (Finlândia) e Orquestra Sinfónica de Porto Alegre (Brasil). Em 2012 colaborou pela primeira vez com a Companhia Nacional de Bailado, dirigindo *A Bela Adormecida* de Tchaikovski.

No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble – com o qual estreou obras de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões na Coreia do Sul e no Japão –, com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e com o Remix Ensemble Casa da Música.

É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação de repertório para orquestra de cordas e que sido recebido de forma elogiosa pelo público e pela crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os estudos musicais na sua terra natal, estudando violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respectivamente no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que diz respeito à direcção de orquestra estudou com Jean-Marc Burfin, obtendo a licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra.

Estudou ainda com Emilio Pomàrico em Milão e com Michael Zilm, do qual foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.



## **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Baldur Brönnimann** *maestro titular*

**Leopold Hager** *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Reinbert de Leeuw, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Ana Bela Chaves, Sequeira Costa, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Cyprien Katsaris, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Simon Trpčeski ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann, a que se juntam em 2016 os nomes de George Aperghis e Heinz Holliger.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid,

Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha, Maria João, David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor. Em 2016 apresenta uma nova encomenda a George Aperghis em estreia nacional e as integrais das Sinfonias de Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

**Violino I**

James Dahlgren\*  
Radu Ungureanu  
Vadim Feldblioum  
José Despujols  
Andras Burai  
Tünde Hadadi  
Ilanina Khmelik  
Evandra Gonçalves  
Emília Vanguelova  
Vladimir Grinman  
Alan Guimarães  
Ana Madalena Ribeiro\*

**Violino II**

Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Lilit Davtyan  
José Paulo Jesus  
Mariana Costa  
Paul Almond  
Pedro Rocha  
Vitor Teixeira  
Nikola Vasiljev  
Domingos Lopes  
José Sentieiro  
Dioغو Coelho\*

**Viola**

Cécile Berry\*  
Anna Gonera  
Jean Loup Lecomte  
Luís Norberto Silva  
Hazel Veitch  
Theo Ellegiers  
Rute Azevedo  
Francisco Moreira  
Mateusz Stasto  
Biliana Chamlieva

**Violoncelo**

Feodor Kolpachnikov  
Sharon Kinder  
Bruno Cardoso  
Michal Kiska  
Gisela Neves  
Hrant Yeranosyan  
Aaron Choi  
Vanessa Pires\*

**Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
Joel Azevedo  
Altino Carvalho  
Tiago Pinto Ribeiro  
Nadia Choi  
Slawomir Marzec  
João Fernandes\*  
Bruno Carneiro\*

**Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
Angelina Rodrigues  
Vera Morais\*  
Beatriz Baião\*

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Luciano Cruz\*  
Tamás Bartók  
Roberto Henriques\*

**Clarinete**

Luís Silva  
Carlos Alves  
João Moreira\*  
Iva Barbosa\*

**Saxofone**

Fernando Ramos\*  
Romeu Costa\*  
Nuno Silva\*

**Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Pedro Miguel Silva  
Vasily Suprunov

**Trompa**

Bohdan Sebestik  
Eddy Tauber  
Hugo Carneiro  
José Bernardo Silva  
Gilbert Camí Farràs\*

**Trompeta**

Sérgio Pacheco  
Ivan Crespo  
Luís Granjo  
Rui Brito

**Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Nuno Martins  
Ricardo Pereira\*

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Nuno Simões  
Paulo Oliveira  
André Dias\*  
Sandro Andrade\*  
Pedro Góis\*  
João Tiago Dias\*

**Cravo**

João Lima\*

**Harpa**

Françoise de Maibus\*  
Angelica Salvi\*

**Piano**

Vitor Pinho

**Órgão**

Luís Filipe Sá\*

**Celesta**

Raquel Cunha\*

**Guitarra**

Luís Eurico\*

**Baixo eléctrico**

Carlos Garrote\*

## FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

### CONSELHO DE FUNDADORES

#### Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

#### Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO GARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCHS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBAL SHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, S.A.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

### EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CREATE IT

DELOITTE

EUREST

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

### OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

I2S

PATHENA

RAR

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

VORTAL

### PATRONO DO MAESTRO TITULAR DO REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

SONAE SIERRA

### PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP



casa da música

MECENAS  
PROGRAMAS DE SALA

**mas**  
OSVALDO NEVES/ARQUITECTURA

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

**OSMAE**

APOIO INSTITUCIONAL

 **REPÚBLICA  
PORTUGUESA**  
CULTURA

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

 **BPI**